

FOGO E PURIFICAÇÃO: A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM EM FLÁVIO JOSEFO

*Joabson Xavier Pena*¹

RESUMO

A respeito da Guerra entre judeus e romanos (66-73 EC) na Judeia, o historiador Flávio Josefo enumera vários fatores que levaram a essa batalha, dentre os quais é possível destacar: a incompetência da administração local, o banditismo e a tensão entre o povo e o grupo dirigente da Judeia, etc. No entanto, o elemento mais enfatizado por este historiador, e que, de acordo com ele, fora responsável pela destruição de Jerusalém e de seu Templo, era o da mancha de pecados que se alastrara pelo perímetro sagrado da cidade, e que, por conseguinte, tornava-a suja. Neste artigo proponho apresentar essa ideia de Josefo, que afirma que a Guerra nada mais representava do que a limpeza de Jerusalém por Deus.

Palavras-chave: Jerusalém; Flávio Josefo; Guerra

ABSTRACT

About the War between Jews and Romans (66-73 CE) in the Judaea, the historian Flavius Josephus put forward some reasons that culminated in this battle, among which is possible to point out: incompetence of the local administration, banditry and tension between people and the ruling class of Judaea etc. However, the element more emphasized for this historian, and that, according to him was responsible by destruction of Jerusalem and its Temple; it was the stain of sins that spread by sacred perimeter of the city, making it dirty. In this essay I propose to present the idea that Josephus saw the War and the consequent devastation of Jerusalem and its Temple as a form of God to bring cleaning to the city.

Keywords: Jerusalem; Flavius Josephus; War

¹ Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Membro do grupo de pesquisa Vivarium (UFMT).

O historiador e apologista judeu Flávio Josefo (37-100 EC) é considerado uma das mais importantes referências para o estudo da Guerra entre judeus e romanos que ocorreu na segunda metade do século primeiro da Era Comum. Participante ativo da batalha, tanto do lado dos judeus, quanto dos romanos, escreveu uma obra intitulada *Bellum Judaicum* (Guerra dos Judeus), que descreve de forma pormenorizada os rumos da Guerra. Escrita alguns anos após a peleja, Josefo relaciona na *Bellum* os fatores desencadeantes do combate, das quais, segundo ele, foram: a incompetência da administração local, o banditismo e a tensão entre o povo e grupo dirigente da Judeia. Contudo, o principal elemento enfatizado por este historiador e que conseqüentemente levou a queda de Jerusalém e do Templo era o da mancha de pecados que se alastrava pelo interior do perímetro sagrado da cidade e do santuário e que, por conseguinte, tornava-a manchada. Conforme ainda Josefo, a Guerra nada mais representava do que a limpeza de Jerusalém por ordem divina. Nas linhas que se seguem apresento uma discussão sucinta sobre cada um desses motivos apontados por Josefo, e como os mesmos estão relacionados, segundo a ótica josefiana, com a destruição da cidade e do Templo.

INCOMPETÊNCIA ADMINISTRATIVA E BANDITISMO

A incompetência de alguns procuradores romanos foi interpretada por Josefo como uma das fontes de insatisfação dos judeus que resultou na Guerra em 66. A incapacidade desses administradores, descritas por este historiador, estão ligadas principalmente com o ferimento da religiosidade dos judeus. E é dessa forma, por exemplo, que Josefo descreve Pilatos (26-30EC), um desses inaptos administradores que trouxe para o espaço sagrado de Jerusalém os importantes estandartes romanos, ocasionando na cidade uma imensa agitação entre os judeus:

Quando ele foi enviado a Judeia como procurador por Tibério, Pilatos trouxe para Jerusalém [...] as imagens de Cesar, da qual

são conhecidas por estandartes. No romper do dia isto provocou uma grande agitação entre os judeus. Os que estavam próximos a este espetáculo ficaram chocados por suas leis terem sido pisadas. Uma vez que nenhuma imagem tem lugar na cidade (*BJ* 2. 169-70).

Correlacionado a esse ponto está os atos megalomaniacos empreendidos pelos imperadores Calígula e Nero, responsáveis pelo aumento da fúria entre os judeus. Um desses atos foi perpetrado por Calígula. Desejoso de que uma estátua sua fosse colocada no interior do Templo, trouxe para os habitantes de Jerusalém, conforme Josefo, sérias dificuldades (*BJ* 2. 184-6). A oposição dos judeus a essa ordem foi absoluta, o erguimento de estátuas no interior do Templo implicava um ataque à religião monoteísta e uma reivindicação da divindade por parte do imperador. O legado imperial (Petrônio) que governava nesse período a Síria mostrou fragilidade em executar esse tipo de ação. Mas nesse meio tempo Calígula fora morto, e dessa forma evitou-se que os judeus recorressem a uma sublevação (*BJ* 2. 187).

O “desdém e a indignação” demonstrados por Nero em relação aos problemas enfrentados na Palestina pelos judeus (principalmente no que se refere aos direitos solicitados pelos judeus em Cesareia, como descrito por Josefo na *BJ* 2. 284), parecem também terem sido, conforme este, uma das principais fontes para as insatisfações por parte do povo em plena irrupção da Guerra (*BJ* 3. 1).

Ao tratar desses dois imperadores em particular, Josefo crê que as extravagâncias dos mesmos permitiram o crescimento da insatisfação dos judeus. Ao pôr em pauta os aspectos negativos desses soberanos, este historiador na verdade estava corroborando com opiniões que já estavam circulando entre os principais pensadores romanos do período e que foram registradas por intelectuais como, Suetônio e Tácito. Ao fazer tais afirmações, de forma alguma estava ele prejudicando a imagem de sua família imperial patrocinadora, já que os flavianos (69-96 EC) não

possuíam nenhum vínculo familiar com os julio-cláudios (27 aEC-68 EC). Além disso, o consentimento com tais questões eram muito importante para essa nova família imperial, pois eram mediante elas que se poderiam assegurar a sua legitimidade de poder.

Outro ponto enfatizado por Josefo é o do surgimento de um banditismo endêmico na Judeia no século primeiro da EC e que era proveniente principalmente das dificuldades que eram sentidas na província. No governo de Nero um grupo de bandidos começa a cometer atrocidades pela cidade de Jerusalém. Conhecidos como *sicarii*, eles praticavam seus crimes a luz do dia, no coração da cidade. Nos grandes festivais eles escondiam seus punhais sob as roupas e se misturavam entre a multidão, atacando suas vítimas sem serem descobertos. Violentos, Josefo afirma que eles matavam não apenas os seus inimigos, mas também cometiam crueldades por dinheiro (*BJ* 2. 254-7).

TENSÃO ENTRE O POVO E O GRUPO DIRIGENTE

Josefo relaciona esse elemento com uma crise existente no seio da sociedade judaica. Essa crise era manifestada pela opressão das massas pelo grupo dos poderosos e na avidez das massas em destruir esse grupo:

De fato, esse período tornou-se de alguma forma prolífico para todos os tipos de crimes entre os judeus [...]. Assim, corrupta era a vida pública e privada de toda a nação. Então, determinados, eles superavam um ao outro em atos de impiedade para com Deus e de injustiça contra os seus vizinhos. Estes no poder, oprimiam as massas, e as massas esforçavam-se por derrubar os poderosos. Um grupo fora inclinado à tirania, e o outro a violência e o saqueamento da propriedade dos ricos (*BJ* 7. 260-1).

Interligado a essa problemática do poder existe também uma luta interna entre o grupo dirigente da Judeia e que é vista por Martin Goodman como um dos principais motivos que levaram a uma crise na região. Ao fazer uso de quatro passagens de outra obra de Josefo, *Antiquitates Judaicae* (Antiguidades dos Judeus; AJ 20. 180-1; 197-203; 208-10; 213-4), esse pesquisador afirma que esses trechos apresentam informações que levam a crer que houve uma intriga pelo poder no âmbito do grupo dirigente (GOODMAN, 1994). A análise dessas passagens ainda nos permite perceber os violentos conflitos nos anos que antecedem a revolta entre grupos dos quais Josefo denomina de “facções”. Os indivíduos que estavam envolvidos nessa trama eram constituídos de sacerdotes e ex-sumo sacerdotes, ou seja, de membros do grupo sacerdotal. Eis o que Josefo diz:

Neste tempo, o rei Agripa [II] conferiu o sumo sacerdócio a Ismael, filho de Fabi. Aí se acendeu mútua inimizade e luta entre os sumo sacerdotes de um lado, e os sacerdotes e os líderes do povo de Jerusalém do outro. Cada uma das facções formadas reunia para si mesma um bando dos mais imprudentes revolucionários que agiam como líderes deles (AJ 20. 179-80).

E agora o rei destituiu Jesus, filho de Damnaeus, do sumo sacerdócio e apontou como seu sucessor, Jesus, o filho de Gamaliel. Em consequência, uma rixa levantou-se entre o segundo e seu antecessor. Cada um deles reuniu um bando dos mais imprudentes. E frequentemente acontecia que depois de trocas de insultos eles irem mais adiante e arremessar pedras. Ananias, no entanto, manteve vantagem, usando sua riqueza para atrair esses que estavam dispostos a receber subornos. Costobar e Saul também da própria parte deles reuniram gangues de criminosos. Eles eram da real linhagem e encontraram favor por causa do parentesco deles com Agripa, mas eram sem lei e rápido em saquear a propriedade desses mais fracos do que eles mesmos. *A partir desse momento em particular, doenças caíram sobre nossa cidade e tudo ficou de mal a pior* (AJ 20. 213-4).

O exame desses trechos da *AJ* nos permite ter uma percepção do clima tenso que havia se instaurado entre os membros do grupo dirigente da Judeia. No final da segunda passagem, Josefo afirma que essas rixas internas permitiram a vinda de uma série de dificuldades sobre Jerusalém; dentre elas, as doenças. Conforme veremos mais adiante, esses problemas só sobrevieram sobre a cidade por conta da “poluição” da qual a mesma se encontrava.

A POLUIÇÃO DA CIDADE E DO TEMPLO

O último ponto destacado por Josefo como um dos fatores para o desencadeamento da Guerra e do qual ele vai enfatizar em toda a *BJ*, é o da “poluição” da cidade e do Templo como consequência direta aos pecados praticados pelos seus habitantes, e do desamparo de Deus e de sua posição tomada ao lado dos romanos, usados na Guerra como agentes da divindade para a limpeza do perímetro sagrado de Jerusalém e do seu santuário.

A ideia de um judaísmo alicerçado na importância do favor divino e na perigosa retirada desta mercê como um ato catastrófico estava presente na mente de Josefo ao redigir a *BJ*². Dentre os vários textos da Torá que afirmam essa ideia, selecionamos dois, dos quais Josefo deve ter conhecido muito bem, pois de forma implícita norteiam a sua escrita:

² A noção de que a cidade e o Templo estavam “poluídos” em consequência à transgressão do povo, não era partilhada apenas por Josefo. É bem conhecido que vários grupos de judeus – principalmente dos sectários do mar Morto – expressaram insatisfação em relação a Jerusalém, ao Templo e aos sacerdotes. Uma das constantes acusações levantadas contra o Templo nesse tempo era de que o santuário estava corrompido moralmente como resultado de graves transgressões. Os manuscritos do mar Morto apontam algumas dessas transgressões, das quais se destacam: pecados sexuais que corrompiam o santuário, e os sacerdotes de moral duvidosa e que enchiam o Templo com atos abomináveis (KLAWANS, 2006).

Se rejeitardes os meus estatutos, e a vossa alma se aborrecer dos meus juízos, a ponto de não cumprir todos os meus mandamentos, e violardes a minha aliança,

Reduzirei as vossas cidades a deserto, e assolarei os vossos santuários, e não aspirarei ao vosso aroma agradável. Assolarei a terra, e se espantarão disso os vossos inimigos que nela morarem. Espalhar-vos-ei por entre as nações e desembainharei a espada atrás de vós; a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas (Lv 26: 15, 31-33).

Será, porém, que, se não deres ouvido à voz do Senhor, teu Deus, não cuidando em cumprir todos os seus mandamentos e os seus estatutos que, hoje, te ordeno, então, virão todas estas maldições sobre ti e te alcançarão: Maldito serás tu na cidade e maldito será no campo.

O Senhor levantará contra ti uma nação de longe da extremidade da terra virá, como o voo impetuoso da águia, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará o velho, nem se apiedará do moço. *Sitiar-te-á em todas as tuas cidades, até que venham a cair, em toda a tua terra, os altos e fortes muros em que confiavas; e te sitiara em todas as tuas cidades, em toda a terra que o Senhor, teu Deus te deu (Dt 28: 15-16, 49-52).*

A destruição de Jerusalém e do seu Templo como um ato de punição divina pelos pecados cultivados é o ponto mais enfatizado por Josefo em toda *BJ*. A visão de uma cidade que não era mais santa e que agora se encontrava poluída pelos pecados, e o conseqüente desfavor divino apresentados na Bíblia Hebraica, estão permeadas por toda a obra deste historiador. Ao ponderar ainda sobre as transgressões do povo na *BJ*, percebe-se que ele enfatiza duas: o derramamento de sangue e a profanação do Templo em Jerusalém.

O derramamento de sangue advinha, segundo ele, da morte dos inocentes, que ocorria no entorno da cidade e até mesmo dentro do Templo. A profanação do *shabat* e dos grandes festivais (Páscoa, Tabernáculos e Pentecostes), também fora, conforme este, um dos desencadeadores da “poluição”. Para entender essa visão do autor seleciono três passagens que nos dão uma impressão desse problema:

Vendo que os motivos para uma guerra não seriam possíveis de remediar, e a cidade poluída [μιάσματι] por uma mancha de culpa. Como não poderia deixar de despertar o temor de alguma visita do céu, se não o da vingança de Roma, eles entregariam a si mesmos para um luto público. Toda a cidade estava em uma cena de tristeza, e entre os moderados não havia quem não fosse acometido com o pensamento de que eles teriam que sofrer pessoalmente pelos crimes dos rebeldes. Acrescentando a essa atrocidade, o massacre tomou lugar no sábado, um dia no qual até os mais zelosos judeus abstiveram dos mais inocentes atos [...]. Mas Deus, eu suponho, por causa desses meliantes, já havia se afastado até mesmo de seu santuário e ordenado que naquele dia não se deveria ver o fim da guerra (BJ 2. 455-6, 539).

Que miséria para a qual a mais infeliz cidade tem sofrido nas mãos dos romanos, que entraram com fogo para limpar profundamente [καθαροῦντες] as poluições internas? Porque tu não és mais o lugar de Deus e nem pudeste sobreviver, tornando-se antes um sepulcro para os corpos de teus próprios filhos e convertendo o santuário em um ossuário da guerra civil (BJ 5. 19).

Quem não sabe o que os escritos dos antigos profetas e do oráculo pronunciavam contra esta infeliz cidade e que agora está para ser cumprido? Eles profetizaram o dia de sua queda, o dia em que alguns homens começariam o massacre com os da própria terra. E não estão a cidade e o templo cheio de mortos? É Deus então, quem a si mesmo está trazendo com os romanos, fogo para a purificação [καθάριον] do seu templo e está acabando com a cidade tão cheia de poluições [μιασμάτων] (BJ 6. 109-10).

A análise desses trechos nos permite ver claramente qual era, conforme a ótica josefiana, o motivo que levaria a deflagração da Guerra em 66 e a posterior destruição da cidade e do seu Templo em 70. Conforme esse historiador, Jerusalém e o seu Templo estavam manchados, poluídos. Para expressar essa ideia o autor apropria-se da palavra grega *miasma* (μιάσμα), que aparece em vários momentos de sua escrita e que pode ser traduzida em Josefo como: poluição, mancha proveniente de crimes, escândalo, atrocidade, sacrilégio e impureza. De acordo ainda com Josefo, a única

solução possível para a restauração da cidade e do Templo seria a sua purificação. O vocábulo grego empregado pelo escritor para expressar essa purificação foi *katharos* (καθαρός), essa palavra aparece vinte e cinco vezes na *Bellum*, e pode significar: limpar, purificar e pureza moral.

Segundo então Josefo, como resultado das inúmeras atrocidades praticadas no interior da cidade, assim como do seu Templo, Jerusalém tornara-se impura. Como consequência dos atos pecaminosos praticados pelos seus moradores, Deus afasta-se do santuário, a sua antiga morada, e permite que os romanos – agentes da divindade – por meio do fogo, limpem e purifiquem moralmente a cidade e o seu santuário (*BJ* 5. 412).

Ao ponderar sobre a visão da Guerra em Josefo, percebe-se que embora a *Bellum* possa ser considerada um tratado político-histórico, e não um *Halakha* (conjunto de leis religiosas dos judeus), ela também lida com rituais e conceitos religiosos (REGEV, 2011). E mais, aqui vemos uma importante particularidade da escrita da história em Josefo, uma singularidade manifesta na imbricação do helenismo e do judaísmo. Embora a teoria desse autor seja helenizada em sua apresentação, ela é essencialmente judaica, preocupada com o propósito de Deus para a humanidade e seus arranjos para o destino das nações e centrado no esquema do pecado e da punição (RAJAK, 2002).

Ao final dessa breve exposição percebo que apesar de Josefo apontar a Guerra como consequência direta à incompetência da administração local na direção da Judeia, do banditismo endêmico e da tensão entre o povo e o grupo dirigente da província. Na verdade, o historiador estava afirmando que foram justamente esses conflitos que permitiram a morte de inocentes e a profanação do *shabat* e dos grandes festivais, o que conseqüentemente elevou o nível de pecaminosidade e impureza de



NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade
2014, Ano VII, Número I – ISSN 1972-9713
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Jerusalém e, por conseguinte, a retirada do favor divino, que agora, ao lado dos romanos, trás por meio da guerra a purificação moral de Jerusalém e do seu Templo.

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL

ANÔNIMO. A Bíblia de Jerusalém. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

JOSEPHUS, Flavius. The Complete Works of Flavius Josephus. 13 vols. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1965 (The Loeb Classical Library).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GABBA, Emilio. The social, economic and political history of Palestine 63 BCE – CE 70. In: WILLIAM HORBURY, W. D. DAVIES and JOHN STURDY (org.). The Cambridge History of Judaism: the early roman period. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

GOODMAN, Martin. A classe dirigente da Judéia: As origens da revolta judaica contra Roma, 66-70 d. C. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

HORSLEY, Richard. The First Jewish Revolt. Archaeology, history and ideology. London and NY: Routledge, 2002.

JEREMIAS, Joachim. Jerusalem in the time of Jesus. Philadelphia: Fortress Press, 1969.

KLAWANS, Jonathan. Josephus, the rabbis, and responses to catastrophes Ancient and Modern. The Jewish Quarterly Review, vol. 100, nº 2, 2010.

_____. Purity, sacrifice, and the Temple. Symbolism and supersessionism in the study of Ancient Judaism. New York: Oxford University Press, 2006.

MASON, Steve. Josephus and the New Testament. Peabody: Hendrickson Publishers, 1993.

_____. Josephus, Judea, and Christian Origins: Methods and Categories. Peabody: Hendrickson Publishers, 2009.

RAJAK, Tessa. Josephus. The Historian and His Society. London: Duckworth, 2002.



REGEV, Eyal. The Temple and the Jewish War. In: PASTOR; STERN; MOR (Ed.). Flavius Josephus: interpretation and history. Leiden and Boston: Brill, 2011.

RIVES, James. Flavian religious policy and the destruction of the Jerusalem Temple. In: EDMONDSON; MASON; RIVES (Ed.). Flavius Josephus and Flavian Rome. New York: Oxford University Press, 2005.

THOMPSON, Thomas. Jerusalem in Ancient History and Tradition. London and New York: T & T Clark, 2003.

ZEEV, Miriam. Between fact and fiction: Josephus' account of the destruction of the Temple. In: PASTOR; STERN; MOR (Ed.). Flavius Josephus: interpretation and history. Leiden and Boston: Brill, 2011.

Artigo Recebido em: 30 de julho de 2013.

Aprovado em: 21 de janeiro de 2014.

Publicado em: 30 de abril de 2014.